

Editorial

Inventar uma instituição onde se evite a cristalização e o dogmatismo foi a marca inaugural do Curso de Orientação Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae, depois Curso de Psicanálise. Atualizá-la tem sido o princípio norteador dos movimentos que se lhe advieram.

Nove anos do Curso, várias assembleias, toma corpo o desejo de um lugar de formação continuada em que a produção teórico-clínica fosse o eixo em torno do qual psicanalistas – não mais vinculados à condição de professores e ex-alunos – pudessem se reunir e desenvolver trabalhos em diversas frentes.

Assim, em 1985, cria-se o Departamento de Psicanálise, sendo o Curso uma das suas áreas. Com o tempo, outras vão se desdobrando: Clínica, Formação Contínua, Eventos, Publicações, entre outras, diversificam os canais de uma pertinência que se legitima em torno de cada proposta de trabalho.

O compromisso renovado com a não cristalização de lugares põe em andamento outra série de discussões acerca de o Curso ser a única entrada para o Departamento, que àquela altura já tinha ganhado mundo por suas inúmeras realizações. Em uma assembleia de 1995, vota-se por sua abertura. Constituem-se novas fronteiras e outras questões. Elege-se a primeira Comissão de Admissão para o aprofundamento do debate e a seleção de novos membros.

Outras Comissões vieram e, no final de 2009, *Percurso* recebeu do atual grupo a proposta de realizar um número temático que, sob vários prismas, bem como nos diversos campos de articulação da revista – artigos, resenhas, entrevistas, debates e

traduções –, levasse adiante reflexões a partir do que vinham discutindo. Proposta aceita, apresentaram-se aqui os seus desdobramentos.

Um trabalho instigante, de Otto Kernberg, particularmente crítico quanto aos modelos de formação em vigor nas instituições psicanalíticas, foi traduzido especialmente para este número de *Percurso*. Texto que convida à reflexão e ao debate, por trazer à tona concepções sobre o método psicanalítico e sua transmissão.

Depois da tradução se seguem artigos de diferentes enfoques. Temas como o difícil percurso das primeiras mulheres analistas, suas contribuições e seus destinos, considerações sobre algumas consequências para a psicanálise da política de regulamentação, a questão da autorização do analista, o lugar da escrita na análise e na formação, o depoimento de colegas que participaram da primeira Comissão de Admissão do nosso Departamento, em 1995, bem como artigos escritos com base na exposição clínico-teórica que os candidatos realizam no tempo de sua passagem para a situação de pertencimento institucional ao Departamento, compõem o conteúdo deste número temático de *Percurso*. A eles se acrescentam, na seção Debates, as considerações de colegas ligados a diferentes instituições a respeito dos modos di-

versos de propor a análise do analista, um dos pilares da formação e, por certo, aquele que suscita maiores divergências.

Novamente convidada, Radmila Zygoris nos concede uma entrevista na qual, com a lucidez e a vitalidade de pensamento que já conhecemos, manifesta-se a favor de uma psicanálise laica, politicamente ativa contra o esmagamento do sujeito em uma cultura que supervaloriza a padronização, a normalização e o controle. Para isso, a formação dos jovens analistas precisa valorizar a multiplicidade de referências e estar atenta aos aspectos transferenciais de tutela e de endogamia presentes nas instituições.

Entre as resenhas, a que apresenta o livro de Jean Oury, *O Coletivo*, também chama a atenção para a necessidade de reflexão e formação permanentes no âmbito institucional, como instrumento da vigência e do vigor do discurso psicanalítico.

Há mais de um século, desde as discussões de quarta-feira em Viena, tais questões inquietam espíritos e mobilizam as paixões mais diversas.

É, nessa medida, e buscando ampliar o debate, que esperamos poder ser do interesse de outros analistas, de outras instituições, compartilhar aquilo que de certa maneira nos recorta.

Nota: Neste número de *Percurso* prestamos também uma homenagem a nossa colega Luciana Koppelman, falecida em 2009, publicando um dos seus últimos trabalhos. Com sua vivacidade e generosidade, Luciana contribuiu ativamente para o avanço de importantes questões em nossa instituição. O texto aqui apresentado é uma comunicação feita em Simpósio deste Departamento.